

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

13 DE FEVEREIRO
DE 1892

ESTADO DO PARAHYBA

ORGAM REPUBLICANO

ASSIGNATURA

ANNO III CAPITAL Mez. . . . 18000
Anno . . . 108000
Folia avulsa 60 rs.

Sabbado, 13 de Fevereiro de 1892

ESPECTORIO E REDACÇÃO RUADA MISERICORDIA N.º 9

ASSIGNATURA

ESTADOS e Semestre 75000
INTERIOR Anno . . . 138000
Editaes, linha 100 rs.

N. 458

ESTADO DO PARAHYBA

Combatendo

Os illustres situacionistas, redactores d'O Parahyba, deviam ter mais escrupulos—perdoem nos a franqueza da expressão—em respeitar a verdade dos factos, sobretudo quando se ocupam daquelas que, por serem de recente data, estão ainda bem vivas na memória do público que nos aprecia.

Em seu artigo redatorial de ante-hontem, desempenhando-se de sua tarefa ingrata de, por todos os meios, desistir de, o reconhecido mérito de nosso illustre concidadão, Dr. Venâncio Neiva, e desistir, sem consideração aos preceitos da cortezia, os que não comunicaram suas ideias políticas, fazendo represalia a uma local desta folha, atiraram-se no terreno das injustiças, atribuindo à influência daqüelle distinto amigo o desaparecimento, da arena da imprensa, das folhas Conservador, Jornal da Parahyba, Gazeta da Parahyba e Voz do Povo, que se publicavam n'esta capital.

A mais solemne prova negativa de que os collegas afirmam, com intuito malicioso, uma flagrante inverdade, está em que os illustres empresários daquellas folhas terminaram a sua publicação sem declaração, como é usual em casos tais, de que o faziam porque se julgavam coetos em sua actividade de jornalistas pelo Dr. Venâncio Neiva.

O ultimo daquelles jornais, A Voz do Povo, que fez à administração desse nosso amigo a mais injusta e descom medida oposição, deixou de continuar a ser publicado, está no domínio de todos, por haver-se retirado da empresa o seu illustre redactor-chefe, o Sr. Arthur Achilles, fazendo neste sentido publica declaração, sem haver dito que tivesse sofrido a menor violencia em sua liberdade de escriptor público.

E felizmente, para attestação da verdade, esse honrado cavalheiro está entre nós e pode declarar francamente si é ou não verdade o que afirmamos. E igual declaração podem fazer os empresários das outras folhas extintas, os quais também existem nesta capital.

Os nobres redactores do orgam situacionista sabem perfeitamente, e só para exercer expansivamente o seu gênio procuraram deturpar a verdade, que, na extinção da Gazeta da Parahyba, jornal que não era infenso à administração do Dr. Venâncio, nem houve co-participação tomo aquelle nosso amigo.

Foi essa folha vítima tão somente daquelles mesmos que destruiram as oficinas do Jornal da Parahyba no tempo do ultimo delegado do governo da monarquia, segundo é notório n'esta capital.

Não é com asseverações gratuitas e maliciosas, systematicamente produzidas para atrair a antipatia e indignação publicas sobre quem nos é desafecto, que se alcança pôr em dúvida a honra de um homem que

soube collocar-se acima das paixões mesquinhos de amigos pouco generosos.

Na deficiencia de meios para levantar acusações sérias que, firmadas em factos, possam calar na opinião pública, os redactores d'O Parahyba não se saem em lo, sem esse estropio de que deve ter quem se devota a nobre missão da imprensa, do expediente da baixa intriga que só pode protrazer effetto negativo.

A imprensa satirica governante, Dr.

Venâncio Neiva, gosou a mais ampla liberdade de ação, por mais hostil que se manifestasse à sua administração.

Nunca foram ameaçados nem insultados arrogantemente aquelles que della se serviam para exteriar os seus sentimentos, ainda mesmo quando descião ao terreno das invectivas e desrespeito à honra do homem público e privado, como estavam sendo a cada passo pelas editorias d'O Parahyba, que não cessam de dizer que é demasiada condescendência tolerar-nos.

A comparação que se procurar estabelecer entre hontem e hoje, apresentará simplesmente para fazer saltar, por um verdadeiro contraste, a liberdade que se gozava no tempo passado, naquelles felizes dias em que a ordem e a tranquilidade publicas tinham inteira garantia no respeito à lei e no prestígio de um governo que se imputava à consideração por seus actos de extrema justiça.

Não é hoje, no meio da avaricia que é acorçoada pelos próprios homens que dirigem os publicos negócios, que devemos esperar tranquilidade, garantia aos nossos direitos e ao exercício de nossa liberdade. Só凭 anita condescendência, que abusivamente, desorda os nossos nomes, abater os nossos brios, matar nossos irmãos, entucar nossas famílias, e quejá atirar-as à prostituição e à miséria.

Sóis loucos, quando tentais abafar o grito da opinião publica que vos accusa e nos repele.

Sóis loucos, quando entendéis que com a capa de governo, que arrancastes, por meio de violencia, poeis livremente, desorda os nossos nomes, abater os nossos brios, matar nossos irmãos, entucar nossas famílias, e quejá atirar-as à prostituição e à miséria.

Sóis loucos, quando ameaçais, pelo organo oficial, de abafar o grito de indignação que em nome do povo parahybano, daqui levantamos, por meio de arreganho, que, quando minuto, servem para ridicular-vos!

Sóis loucos! O povo ha de reivindicar os seus direitos, ha de libertar-se do insólito jugo que lheimposou o vosso despotismo!

E ai de nós se não o fizesse porque seria o attestado da maior ruina moral de um povo, que havia de contrastar com a ruina material de uma Nação.

Ninguém, actualmente, tem seguro causa alguma, porque tudo está sob a pressão imediata de um poder despotico e pernicioso.

de dô, é do mais recôndito dos apartamentos vão lastimar a rigorosa viuvez e a orfandade, em que "as lançaram impiedados vândalos".

E isto que sucede, por toda a parte, é o que nos está prestes a successer.

A pergunta obrigada nesta cidade, em todas as reuniões, é: como vão os negócios da cidade d'Areia?

E quais são esses negócios?

Homens de alta posição política, homens do reconhido mérito social tendo em consideração as justas queridas do povo, fizem valer os direitos destes e despojaram-nos intransigentemente esse governo da junta pretendente?

A imprensa satirica governante, Dr.

Venâncio Neiva, gosou a mais ampla liberdade de ação, por mais hostil que se manifestasse à sua administração.

Nunca foram ameaçados nem insultados arrogantemente aquelles que della se serviam para exteriar os seus sentimentos, ainda mesmo quando descião ao terreno das invectivas e desrespeito à honra do homem público e privado, como estavam sendo a cada passo pelas editorias d'O Parahyba, que não cessam de dizer que é demasiada condescendência tolerar-nos.

E si dissem parahybanois issos que mandam espingardear os nossos patrícios!

E si dissem republicanos issos que mandam espingardear os nossos patrícios!

E si dissem republicanos issos que nada tem de comum com o povo a quem perseguem e matam! Mas não se illudam, porque não fui corrompidamente o sangue italiano, e as lágrimas da ciúma e o soluçar dos orfacos há de reclamar continuação de tudo o que vai permanecer de todo o que é impossível ésta; que nos Estados é impossível d'ali por diante a segurança e estabilidade dos governos locais: vivemos espelhando o que se põe para a corte imperial. De lá virá o fim!

Eleja-se um governador seguido as praxes legais, entregue-se elle com o maior desvelo e patriotismo aos negócios publicos, cuide d'elles com ardoroso amor e carinho constante, dedique-se de todos os interesses gerais, e quejá-se de si no afã de beneficiar os seus concidadãos por meio de uma administração honesta, sébia, austera; promova por todos as formas o benestar dos seus patrícios; basta que de Itamaraty se faça-nos aceno, on que o governo federal seja abolido, para quo o governador solicite e amende o bem público tombo, arrastando consigo a ordem establecida subvertendo-se tudo!

Eleja-se um governador seguido as praxes legais, entregue-se elle com o maior desvelo e patriotismo aos negócios publicos, cuide d'elles com ardoroso amor e carinho constante, dedique-se de todos os interesses gerais, e quejá-se de si no afã de beneficiar os seus concidadãos por meio de uma administração honesta, sébia, austera; promova por todos as formas o benestar dos seus patrícios; basta que de Itamaraty se faça-nos aceno, on que o governo federal seja abolido, para quo o governador solicite e amende o bem público tombo, arrastando consigo a ordem establecida subvertendo-se tudo!

Os ultimos acontecimentos vieram provar que a nossa é uma federação em nome sómente. E' uma sombra vã de que conciliaram os legisladores constituintes, e que elles combinaram. Sim; o que ahí está de pé não apresenta nada de semelhante com o que definiram os textos constitucionais: não ha a menor analogia entre o que estes preterminaram e a original federação do sr.

Floriano Peixoto e do seu sequito.

De facto, para que servia a facultade que se deixou aos Estados de escollerem os seus administradores, si estes podem ser depostos por ordem do presidente da Republica, si estes podem ser corridos de seus lugares pelas protegidos do mandado supremo do Brasil?

Que vantagem adquirimos nós com a prerrogativa de confecionarmos as nossas constituições particulares, si a espada presidencial as retalia em um brir e fachar de olhos, si os amigos do nosso ditador de Itamaraty fazem-nas em pedaços, com as biografias que o marchal presidente está desviando do seu legitimo emprego e função? Que utilidade têm todas essas autonomias de que nos falam, mas que praticamente são úmã burla, nada mais nada menos que apparato, fingimento, mentira?

Para que prestam essas garantias constitucionais que se resolvem em nada, que brillam nosso código patriótico, mas que são frágies e ephemeras como bolhas de sabão? Para que todos esse trabalho de orgânia, Estados, reconstruir as antigas províncias do texto aos fundamentos, renová-las totalmente, si tudo isso é em pura farda e o sepro da anarchia animada pelo proprio governo central ou um capricho do caudilho-mór faz rir a

jurisdição parahybana; acontecimento que produziu rapido desenvolvimento da criação nas principais ribeiras destas vastas regiões?

E' a sua constante preocupação, a sua idéa predominante, cercar a quelle nome de fulgore triunfahes em meio de sons perdidos e confusos, atirados ao ar.

Esquece tudo, tempo, logar e atino o que escreveu hontem para afirmar o contrario do que hoje escreve!

E' o caso da critica de Swift aos modernos alemães.

Hontem escrevia: «A industria pastoril appareceu primeiro no Boqueirão, iniciada por Antonio de Oliveira, ascendente de Theodosio, e então perguntou: não seria aí que surgia nello a idéa da conquista do sertão?»

Hontem escrevia: «O governo e o povo da capitania, invocados pelos progressos dos missionários, ou outros abusados de ambição pelas enquisas organizadas das bandeiras, para

conquista do sertão, e deram o con-

selho de temer-dellas a Theodosio. Segundo este pela margem do parahyba, acampou por algum tempo no Boqueirão, lançou os fundamentos da povoação e chegou depois ao Piancó, onde já encontrou Domingos Jorge estabelecido com estância da gado.

Pergunta-se-lhe: e elle não morava antes no Boqueirão com seu ascendente Antônio de Oliveira, e onde talvez ali lhe apparecesse a idéia da conquista do sertão? E como morando naquelle lugar lançou depois os fundamentos da povoação?

Acrescenta logo: «Esses dois nucleos da industria pastoril, simultaneamente fundados em pontos tão afastados, deviam conservar-se por anos ignorados do governo.»

E Theodosio não tinha vindo do Boqueirão, donde o governo sabia que elle se achava para o encarregar da expedição?

Já vimos que um desses nucleos foi fundado em 1670 ou 1671, e o outro em 1690, e Theodosio chegou ao Piancó neste ultimo anno ou no seguinte. Dacorrem de vinte annos as duas fundações, e como foram as multíssimas?

Antonio de Oliveira apareceu primeiramente no Boqueirão, em 1670 segundo Martinho de Nantes, e Theodosio, quando chegou ao Piancó, já encontrou Domingos Jorge estabelecido. Ora se este resolveu-se a morar, ali em 1690, segue-se que foi neste anno que aquelle o encontrou com estância fundada. Portanto, verificado aquele período de vinte annos entre as duas fundações, fica claro que não são simultaneas nem podiam conservar-se ignorados do governo por tantos annos.

Não pretendemos tirar o merecimento de Theodosio, qualquer que elle seja, porém mostrar que o interesse, que o obsequioso informante toma por esse nome em atribuir-lhe os factos mais importantes do sertão, fal-o sempre inconsequente e contraditorio.

Passemos agora a historia da criação.

A casada Torre, estava de posse direito de conquista, em tempos anteriores de algumas terras no píano. Cedeu parte a diferentes pessoas, sem outro título que aquelle presumido direito.

Nenhuma sesmaria, ao que nos consta, tem data desse tempo, apesar da autorização já então delegada pela coroa aos governadores para conceder, segundo as leis de rainha, doações, com a condição de searem os pretendentes cristãos e ficarem obrigados ao tributo do dízimo.

As que primeiramente foram concedidas em Piranhas e Piancó, em numero de doze, segundo a nossa colleção, são datadas de 1706, ou antes de levar a vinte geral dos indios.

Donde se segue que, pelas transferencias da casa da Torre, e depois pelas sesmarias pedidas ao governo, algumas das quais para legitimar as posses por compra a terceiros, o sertão achava-se mais ou menos povoado naquella época, como dissemos anteriormente, e está confirmado nô por esses titulos, se não ainda pela carta do Albergaria ao rei de Portugal em 1690.

O sertão em geral toda a capitania cada vez mais se foi povoando, de forma que em 1775, pelas copias extraídas do arquivo do Conselho Ultramarino, existente em Lisboa, a Parahyba contava 30,000 habitantes na lista das desobrigas das freguesias, 869 fazendas e 37 engenhos, como se lê em Varnhagen.

Os fazendeiros primitivos permaneceram onde estavam, e os que vieram depois, situaram as suas estâncias quer nas ribeiras, quer mais distantes dellas, confortaveis achavam.

Em momento todo,

encontramos a cláusula

os rios da espiral que

ou sejam a torre e o

dúas partes, ficando em

legua em cada

punto

do, como em

1. Largo...

